



O HOMEM
DAS CASTANHAS

SØREN SVEISTRUP

O HOMEM
DAS CASTANHAS

Tradução de
RITA FIGUEIREDO



*Aos meus queridos rapazes,
Silas e Sylvester*

Terça-feira, 31 de Outubro de 1989

Folhas amarelas e vermelhas caem por entre a luz do Sol, contra o asfalto molhado que rasga a floresta como um rio escuro e malhado. Quando o carro-patrolha branco passa, rodopiam por breves instantes no ar antes de se colarem às valas pegajosas ao longo da estrada. Marius Larsen levanta o pé do acelerador e abranda na curva, lembrando-se de que tem de comunicar ao departamento de estradas do município que precisam de mandar um varredor. Se as folhas ficarem ali muito tempo, tornarão a estrada pouco segura, e isso pode custar a vida a alguém. Marius já o disse várias vezes antes. É polícia há quarenta e um anos, chefe de esquadra há dezassete, e todos os Outonos precisa de os lembrar da mesma coisa. Mas não será hoje, porque hoje tem de se concentrar na conversa.

Marius Larsen alterna entre frequências no rádio do carro, mas não consegue encontrar o que procura. Apenas notícias sobre Gorbachev e Reagan e especulações sobre a queda do muro em Berlim. Está perto, dizem. Pode estar a chegar uma nova era.

Já sabia há muito tempo que aquela conversa ia ter de acontecer e, no entanto, não fora capaz de a enfrentar. Agora falta apenas uma semana para o momento em que a mulher pensa que ele se vai reformar, e chegou a hora de lhe contar a verdade. Que não consegue suportar deixar o trabalho. Que organizou as coisas de forma prática e adiou a decisão. Que de qualquer forma não estava pronto para ir para casa e sentar-se no sofá a ver a *Roda da Sorte*, apanhar as folhas caídas no jardim ou brincar com os netos.

Parece fácil quando imagina a conversa, mas Marius sabe que ela vai ficar triste. Vai ficar desiludida e vai levantar-se da mesa e pôr-se a esfregar o fogão na cozinha e, de costas viradas para ele, vai dizer que entende. Mas não entende. Então, quando a chamada foi transmitida pelo rádio, há dez minutos, ele informou a esquadra de que ia atendê-la, só para adiar um pouco mais a conversa. Normalmente, teria ficado irritado por ter de percorrer o longo caminho pelo meio da floresta até à quinta

dos Ørum só para lhes dizer que têm de controlar melhor os animais. Em várias outras ocasiões, porcos ou vacas escaparam do cercado e invadiram os terrenos do vizinho até que Marius ou um dos seus homens vieram ordenar a Ørum que tratasse do assunto. Mas hoje isso não o incomodou. Pedira, obviamente, à esquadra que ligasse primeiro, tanto para a casa de Ørum como para o seu trabalho em *part-time* na estação do *ferry*, mas, quando não obtiveram resposta em nenhum dos lugares, fizera-se à estrada e dirigira-se para lá.

Marius encontra um canal com música dinamarquesa antiga. «Den Knaldrøde Gummibåd» ecoa pelo velho *Ford Escort*, e Marius aumenta o volume. Saboreia o Outono e a viagem. A floresta com as folhas amarelas, vermelhas e castanhas, misturadas com os verdes das folhas perenes. A época de caça que acaba de começar. Abre a janela, e o Sol derrama a sua luz malhada no caminho por entre os troncos. Por um momento, Marius esquece a sua idade.

A quinta está em silêncio quando chega. Marius sai e bate a porta do carro, e ao fazê-lo lembra-se de que há muito tempo não ia ali. A grande quinta parece negligenciada. As janelas do estábulo estão partidas, a tinta das paredes da casa está lascada, e o baloiço abandonado no relvado descuidado quase foi engolido pelos grandes castanheiros. Por toda a quinta há folhas e castanhas caídas no chão, e estalam sob os seus pés enquanto ele se dirige para a porta da frente e bate. Depois de bater à porta três vezes e de chamar por Ørum, Marius percebe que ninguém vai abrir. Também não vê sinais de vida, por isso pega num bloco de notas, escreve um bilhete e enfia-o na caixa de correio, enquanto um par de corvos sobrevoa a quinta e desaparece atrás do tractor parado em frente ao celeiro. Marius foi até ali e não conseguiu cumprir a sua missão, e agora tem de ir à estação de *ferry* para falar com Ørum. Mas a irritação não dura muito tempo. No caminho de regresso ao carro, tem uma ideia. Marius nunca costumava ter este tipo de ideias, portanto deve ter sido um acaso feliz ter ido ali em vez de ir para casa ter a conversa. Para acalmar os efeitos da conversa, vai oferecer à mulher uma viagem a Berlim. Podem passar lá uma semana, sim, ou pelo menos um fim-de-semana, assim que conseguir uma folga. Vai conduzir até lá, assinalar o avanço da história, a nova era, comer *knödel* com chucrute, como fizeram no passado, há muito tempo, quando foram acampar em Harzen com as crianças. Só quando está quase a chegar ao carro descobre por que motivo os corvos estão atrás do tractor. Estão a rondar algo branco, pálido e disforme, e, quando

se aproxima, verifica que é um porco. Os olhos do animal estão mortos, mas o corpo estremece e agita-se, como se tentasse assustar os corvos que estão pousados a comer do grande buraco que tem na parte de trás da cabeça.

Marius abre a porta da frente. A entrada está escura, e sente o cheiro de humidade e mofo e algo mais que não consegue identificar.

— Ørum, é a polícia.

Não obtém resposta, mas ouve água a correr em alguma parte da casa e entra na cozinha. A rapariga é uma adolescente. Deve ter 16 ou 17 anos. O seu corpo ainda está sentado na cadeira junto à mesa, e o que resta do seu rosto destruído repousa na tigela de papas de aveia. No chão de linóleo do outro lado da mesa está outra figura sem vida. Também é um adolescente, um pouco mais velho, com uma grande ferida aberta no peito, e a parte de trás da sua cabeça inclina-se desajeitadamente sobre o fogão. Marius Larsen fica rígido. Já tinha visto pessoas mortas, mas nunca assim, e por um momento fica paralisado antes de tirar a arma de serviço do coldre.

— Ørum?

Marius avança, chamando, agora de pistola em punho. Continua a não obter resposta. Marius encontra a vítima seguinte na casa de banho, e desta vez tem de tapar a boca para conter um vômito. A água corre da torneira da banheira, que está cheia até ao bordo. Cai para o chão e para o ralo e mistura-se com o sangue. A mulher nua, que deve ser a mãe, está retorcida no chão. Um braço e uma perna estão separados do tronco. Mais tarde, o relatório da autópsia dirá que foi repetidamente atacada com um machado. Primeiro enquanto estava na banheira e depois quando tentou escapar e caiu no chão. Também constará que inicialmente tentou defender-se com as mãos e com os pés, que, por esse motivo estão fendidos. O seu rosto está irreconhecível porque o machado foi usado para esmagar o crânio.

Marius Larsen tenta afastar-se daquela visão, mas de repente detecta um leve movimento pelo canto do olho. Há uma figura parcialmente escondida debaixo da cortina do duche, caída num canto. Marius puxa lentamente a cortina. É um rapaz. Tem os cabelos desgrenhados e deve ter 10 ou 11 anos. Está caído sem vida no meio do sangue, mas uma ponta da cortina ainda lhe cobre a boca e vibra vigorosamente. Marius inclina-se rapidamente sobre ele, afasta a cortina, pega-lhe no braço sem

vida e procura a pulsação. O rapaz tem cortes e arranhões nos braços e pernas, a *T-shirt* e as cuecas ensanguentadas e um machado caído ao lado da cabeça. Marius encontra a pulsação do rapaz e levanta-se apressadamente.

Na sala de estar, febril, encontra o telefone ao lado do cinzeiro cheio que está caído na alcatifa, mas, quando consegue ligar para a esquadra, já encontrou calma suficiente para comunicar a mensagem. Ambulância. Homens. Depressa. Não há vestígios do Ørum. Ponham-se a caminho. Agora! Quando desliga, a primeira coisa em que pensa é em voltar a correr para junto do rapaz, mas de repente lembra-se de que deve haver mais uma criança, porque o rapaz tem uma irmã gêmea. Marius olha em volta e começa a dirigir-se para o corredor e para as escadas que dão para o primeiro andar. Quando passa pela cozinha e pela porta aberta da cave, pára de repente e olha para baixo. Há um som. Um passo ou um raspar, mas depois cala-se. Marius pega novamente na pistola. Abre a porta e desce cuidadosamente os degraus estreitos até os seus pés tocarem o piso de cimento. Primeiro, precisa de se habituar à escuridão e depois vê a porta da cave aberta ao fundo do corredor. O seu corpo hesita e diz-lhe que deveria parar ali. Devia esperar pela ambulância e pelos colegas, mas Marius pensa na rapariga. Quando se aproxima da porta, percebe que foi aberta com violência. Os encaixes e as dobradiças estão no chão, e Marius entra numa sala mal iluminada pelas janelas sujas na parte superior da cave. No entanto, percebe imediatamente a presença da pequena figura escondida debaixo de uma mesa, a um canto. Marius corre para lá, baixa a arma, agacha-se e espreita.

— Está tudo bem. Já acabou.

Não consegue ver o rosto da rapariga, apenas que ela está a tremer e a encolher-se mais para o canto, sem olhar para ele.

— Chamo-me Marius. Sou da polícia e estou aqui para te ajudar.

A rapariga continua sentada e aterrorizada, como se não o ouvisse, e, de repente, Marius presta atenção à sala. Olha em volta e, lentamente, percebe para que era usado aquele espaço. Marius sente-se nauseado. Então, vê as prateleiras de madeira tortas através da porta que dá para a sala adjacente. A visão fá-lo esquecer a rapariga e aproxima-se da soleira. Marius não consegue ver quantos estão ali, mas são mais do que consegue contar. Homens e mulheres feitos de castanhas. E também animais. Grandes e pequenos, infantis e assustadores, muitos deles inacabados e disformes. Marius olha para eles, muitos e diferentes, e as pequenas

figuras nas prateleiras enchem-no de incerteza, enquanto o rapaz entra pela porta atrás dele.

Por uma fracção de segundos, Marius percebe que tem de se lembrar de pedir aos técnicos para investigarem se a porta da cave foi arrombada pelo lado de dentro ou pelo lado de fora. Por uma fracção de segundos, percebe que algo terrível pode ter escapado, como os animais da cerca, mas, quando se vira para o rapaz, os pensamentos passam como nuvens pequenas e confusas no céu. Então o machado acerta-lhe no maxilar, e o mundo fica escuro.

Segunda-feira, 5 de Outubro, presente

2

A voz está por toda a parte, na escuridão. Sussurra suavemente e troça dela — agarra-a quando ela cai e fá-la rodopiar ao vento. Laura Kjær já não consegue ver. Já não consegue ouvir o sussurro das folhas das árvores nem sentir a relva fria debaixo dos pés. A única coisa que resta é a voz, que continua a sussurrar entre os golpes do pau. Pensa que, se parar de resistir, a voz pode parar, mas não pára. Continua, bem como os golpes, até que ela já não consegue mexer-se. Tarde demais, repara nas pontas aguçadas de um instrumento junto ao seu pulso e, antes de perder a consciência, ouve o som eléctrico da serra que é ligada e começa a cortar-lhe o osso.

Depois disso, não sabe quanto tempo esteve ausente. A escuridão ainda lá está. A voz também, e é como se estivesse à espera de que ela regressasse.

— Estás bem, Laura?

O tom é suave e frio, e a voz soa demasiado próxima do seu ouvido. Mas a voz não espera respostas. Por um momento, removeu o que estava a cobrir-lhe a boca, e Laura Kjær ouve-se a pedir e a implorar. Não compreende nada. É capaz de fazer qualquer coisa. Porquê ela — o que fez ela?

A voz diz que ela sabe bem. Curva-se, muito próxima, e sussurra-lhe ao ouvido, e ela percebe que ele esteve à espera daquele momento. Tem de se concentrar para ouvir as palavras. Compreende o que a voz diz, mas não consegue acreditar. A dor é demasiado grande, maior que todos os ferimentos juntos. Não pode ser isso. Não pode *mesmo* ser isso. Ela afasta de si as palavras como parte da loucura que a rodeia. Quer erguer-se e lutar, mas o seu corpo cede, e ela soluça histericamente. Já o sabia há algum tempo, mas ao mesmo tempo não sabia, e só quando a voz lho sussurra é que percebe que é verdade. Quer gritar o mais alto que pode, mas já sente o conteúdo do estômago a subir-lhe à garganta e, quando o pau lhe toca na face, perde todas as forças e mergulha novamente na escuridão.

Terça-feira, 6 de Outubro, presente

O dia começa a clarear lá fora, mas, quando Naia Thulin estende a mão e o puxa para dentro de si, ele ainda está a acordar muito lentamente. Ela puxa-o para dentro de si e começa a mover-se para a frente e para trás. Agarra-lhe os ombros, e as mãos dele despertam, mas lentamente e confusas.

— Ei, espera...

Ele ainda está meio adormecido, mas Naia não quer esperar. Era isto que queria quando abriu os olhos, e faz o movimento de forma mais insistente, deslizando para trás e para a frente com mais força enquanto apoia uma mão na parede. Nota que ele se sente envergonhado, e a cabeça dele bate na cabeceira da cama, e ela ouve o som da cabeceira da cama a bater na parede, mas não quer saber. Continua e nota que ele desiste e, quando atinge o orgasmo, crava as unhas no peito dele e sente a sua dor e prazer enquanto ambos ficam rígidos.

Por um momento, ela fica imóvel a ouvir o som do carro do lixo nas traseiras. Depois rola para o lado e levanta-se da cama antes de as mãos dele terminarem de lhe acariciar as costas.

— É melhor ires antes de ela acordar.

— Porquê? Ela gosta de me ter aqui.

— Vamos. Levanta-te.

— Só se vieres viver comigo.

Ela atira-lhe a *T-shirt* para a cara e desaparece para a casa de banho, enquanto ele se deixa cair sobre a almofada com um sorriso no rosto.